

**INGLÊS COMO *LINGUA FRANCA*
E *CONTENT AND LANGUAGE INTEGRATED LEARNING*:
UMA COMBINAÇÃO IMPORTANTE PARA A APRENDIZAGEM
DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

*Dimas Silva Luz**
*Diógenes Cândido de Lima***

RESUMO: Este artigo objetiva apontar caminhos possíveis para a inserção das ideias basilares do chamado inglês como língua franca (ILF) em turmas que utilizam CLIL (*Content and Language Integrated Learning*) como metodologia de ensino. Inicialmente, buscamos discutir alguns conceitos que fundamentam a ideia de CLIL e, em seguida, discutimos alguns dos conceitos relacionados ao inglês como língua franca, que poderiam ser abordados pelos professores que adotam CLIL em suas turmas. Pressupomos que CLIL é o tipo de abordagem bastante adequado para que os professores apresentem o conteúdo não linguístico em suas aulas (variação e mudança linguística do inglês, por exemplo), tornando assim um ponto de partida para a elucidação do debate em torno dos diferentes “inglês” presentes ao redor do mundo. Para as nossas discussões, nos ancoramos em autores consagrados em ambas as áreas, tais como: Coyle, Hood e Marsh (2011), Graddol (2006), Seidlhofer (2004, 2011), Kachru (1995), Siqueira (2008), dentre outros. Para este trabalho, adotamos os princípios defendidos por Richards e Rodgers (2001) e Wolff (2009), esses autores afirmam que a aprendizagem de inglês pode ser mais eficiente quando o foco da aula está, não tanto na aprendizagem da língua *per se*, mas sim na aprendizagem do conteúdo abordado.

PALAVRAS-CHAVE: Conteúdo; Língua franca; Inglês; Aprendizagem.

* Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

** Doutor em Educação/estudos da linguagem pela Southern Illinois University at Carbondale (SIUC). Professor pleno de língua inglesa e de Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Introdução

A abordagem metodológica denominada *Content and Language Integrated Learning* (CLIL) tem ocupado um espaço cada vez maior em escolas de todo o mundo (COYLE, et al. 2010). Inicialmente introduzido na Europa, em meados dos anos 1990, esse modelo de ensino bilíngue é uma tendência cada vez maior em escolas do mundo inteiro. CLIL é hoje utilizado tanto nos ensinamentos primário, secundário e terciário. No caso europeu, a crescente demanda pela utilização do inglês como língua de instrução tem feito com que grande parte das Universidades europeias adotem uma “agenda de internacionalização” (GRADDOL, 2006, p. 74).

Criado para resolver um problema linguístico no contexto Europeu, em meados da década de 1990, o CLIL passou a ser adotado rapidamente na grande maioria das escolas europeias desde então. Segundo Coyle, Hood e Marsh (2010), desde a sua criação, o CLIL tem tido prioridade dentro da União Europeia (EU) como uma iniciativa educacional importante (EURYDICE, 2006), o que culminou, em 2005, com a recomendação do Conselho Europeu¹ (*European Council* em inglês) para que o CLIL fosse adotado em todo o território regido pela União Europeia (EC, 2005).

Desde 2006 que CLIL tem sido implementado, principalmente como um modalidade de ensino/aprendizagem para que os aprendizes estejam inseridos em um modelo de aula bilíngue. Nesse sentido, a língua inglesa é utilizada como veículo para que os aprendizes aprendam não apenas a língua inglesa, mas, principalmente, que eles adquiram os conteúdos das disciplinas científicas por meio da língua estrangeira.

Geralmente CLIL é dividido em três modelos distintos: *Soft*, *Hard* e *Modular* (BENTLEY, 2010). O modelo *Soft* CLIL é um tipo de modalidade mais branda. As aulas elaboradas para esse tipo de abordagem, de um modo geral, são aulas de língua estrangei-

¹ O Conselho Europeu é o mais alto órgão político da União Europeia. É composto pelos Chefes de Estado ou de Governo dos países membros da União, juntamente com o Presidente da Comissão Europeia. Fonte Wikipédia. Acesso em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Europeu. Último acesso em 30-04-2016.

ra em que um determinado conteúdo ou tópico (*Recycling, Global warming, Stem cells*, etc) é utilizado para se ensinar algum aspecto linguístico. Por vezes, o soft CLIL pode ser utilizado para o ensino do conteúdo não linguístico, ou seja, ao apresentar o conteúdo ou tópico da atividade, o professor dá prioridade à aprendizagem daquilo que está sendo apresentado através da língua estrangeira (IOANNOU GIORGIOU e PAVLOV, 2011). O modelo Hard CLIL pressupõe que a aula seja ministrada na língua estrangeira pelo professor especialista na área específica (Química, Física, Biologia, etc.). Nessa modalidade, parte do currículo escolar é ministrado na língua alvo. Na versão Modular CLIL, os conteúdos são trabalhados por módulos, ou seja, capítulos do livro didático em que o conteúdo, em algum momento, seja elucidado. Assim, muitas são as faces que compõem o quebra-cabeça chamado CLIL. Os modelos geralmente são adotados para satisfazer às necessidades e filosofias locais (IOANNOU GIORGIOU e PAVLOV, 2011). Não existe um único modelo de como se deve utilizar esse tipo de abordagem em turmas de aprendizagem de línguas - os modelos não são para exportação.

Ao longo dos anos, os mais distintos modelos para o ensino de inglês foram propostos. Todas essas mudanças sofridas no quadro do ensino de idiomas forneceram as bases para que muitos linguistas aplicados tivessem algum interesse nos diferentes modelos adotados para o ensino/aprendizagem de línguas (DAFOUZ e NÚÑES, 2009; FORTANET-GOMÉS e RÄISÄNEN, 2008; LUZ, 2016). Paralelo a essas discussões, existe também uma crescente busca por outros modelos alternativos de ensino/aprendizagem de línguas que possibilitem que, enquanto professores, possamos sempre estar inovando nossas aulas e, com isso, tornando-as algo mais interessante, principalmente para os nossos aprendizes.

Para este trabalho, discutiremos o conceito de inglês como *lingua franca* (ILF), área de pesquisa de interesse dos linguistas aplicados (JENKINS, 2007; MAURANEN e RANTA, 2009; SEIDLHOFER, 2004), bem como buscaremos apontar como o ILF poderia ser abordado em turmas que utilizam CLIL como metodologia de aprendizagem.

Segundo Smith (2010), em contraste às pesquisas macro sociolinguísticas sobre o inglês como língua internacional, as relacionadas ao inglês como língua franca tendem a focar o micro nível do inglês como meio de comunicação em meio aos atores sociais e multilíngues. Ainda segundo esse mesmo autor, as pesquisas relacionadas ao inglês como meio de instrução (*English as a medium of instruction*) e o ILF se desenvolveram mais ou menos independentemente uma da outra, ou seja, tanto ILF quanto CLIL são áreas distintas de investigação.

Nossa proposta para este trabalho é demonstrar como essas duas áreas podem se combinar para tornar as aulas de LE algo mais dinâmico e, assim, contribuir para o avanço do processo de ensino e aprendizagem de LE, de uma forma mais abrangente do que o mero ensino das formas estruturais do idioma. Com isso, buscaremos apontar soluções possíveis para que ambas as áreas se interliguem e que, dessa interligação, possam surgir questões não somente linguísticas, mas também alguns aspectos relativos à cultura e à formação do conceito de inglês como língua franca. Nesse sentido, entendemos que é possível, e de extrema importância, vencer as barreiras que separam esses dois campos investigativos.

Inglês como *Língua Franca* (ILF)

A presença, cada vez mais crescente, do inglês no mundo tem dado a esse idioma o status de língua global (ou franca). Segundo Kadri (2010), dentre as características que diferenciam o inglês de outras línguas estrangeiras temos: 1) as alterações sofridas pela língua conforme é apropriada por diferentes usuários; 2) sua forte vinculação com o desenvolvimento econômico, 3) o fato de que 80% das interações em língua inglesa no mundo ocorrem entre falantes não nativos; 4) a quantidade de pessoas que a utiliza para os mais variados domínios; 5) a possibilidade de inserção global pelo domínio desta língua; 6) a grande quantidade de pessoas que desejam adquirir esta língua pelos benefícios que ela traz; 7) as mudanças no sentido de “propriedade” da língua; 8) sua dissociação dos EUA e Inglaterra e 9) a possibilidade de atendimento às necessidades globais e locais

pelo uso desta língua. Ainda de acordo com essa mesma autora, todas essas particularidades fazem o inglês ser considerado uma língua franca.

Vejamos algumas das definições de ILF. Segundo Smith (2005, p. 67), o conceito de inglês como língua franca se refere ao uso do inglês entre os interlocutores multilíngues que utilizam o inglês como língua comum e que, geralmente, se comunicam nesse idioma, em um país ou região, em que o inglês não é utilizado no dia-a-dia. Para Scidhoffer (2011, p. 7) o ILF é “qualquer uso do inglês entre os falantes de diferentes línguas”. Nesse sentido, o ILF seria entendido como uma mescla entre a língua inglesa e as línguas locais. Sobre essa interação entre as diferentes línguas, Graddol (1997, p. 17) afirma, que “o uso crescente do inglês em muitas partes do mundo afeta tanto as línguas locais quanto o próprio inglês e, assim, temos a formação de uma nova variedade de língua: híbrida”. O inglês é uma língua globalizada e falada por muito mais falantes do círculo em expansão do que do círculo interno (KACHRU, 1995). Isso significa que existem muito mais falantes que utilizam a língua como segunda língua do que falantes “nativos” do idioma. Nesse sentido, o argumento sustentado por Graddol possui implicações diretas sobre como os professores de inglês ensinam, ou deveriam ensinar, a língua inglesa. Geralmente, muitos professores de LE buscam ensinar um padrão de fala inalcançável; o objetivo é imitar a pronúncia de um falante norte americano ou britânico. Com a introdução do conceito de inglês como língua franca, essa busca se torna supérflua. No que concerne ao ensino de LE com base em ILF, Graddol afirma:

Os proponentes do ensino de inglês como língua franca sugerem que o modo como o inglês é ensinado e avaliado deveria refletir as necessidades e aspirações do crescente número de falantes não nativos que utilizam o inglês para se comunicar com outros não nativos (GRADDOL, 2006, p. 87, tradução nossa).

Pesquisas relacionadas ao tema “inglês como língua franca” têm interessado aos linguistas aplicados desde os anos 1990. Dentre os pesquisadores internacionais, bastante conhecidos, e com muitas publicações sobre esse tema, podemos citar: Kachru (1995), Crystal (1997), Graddol (2006), Kirkpatrick (2007), dentre outros. No Brasil, existe uma

crescente busca por produção sobre esse tema. Dentre nossos pesquisadores, podemos citar Leffa (2002), Gimenez (2006, 2009), Siqueira (2008), Jordão (2009), Becker (2009). De acordo com Salles e Gimenez (2008, p. 153), por exemplo, apesar do inglês como língua estrangeira (ILE) ainda ser dominante como modelo de ensino em nossas salas de aula, o ILE “está agora dando espaço a um modelo mais cabível às realidades do inglês global”.

O debate em torno do ensino de inglês como língua franca tem suscitado inúmeras controvérsias. Hoje em dia é comum, principalmente no meio acadêmico, falarmos em “diferentes ingleses” e em modos distintos de utilizarmos o idioma para nos comunicarmos. O conceito de *World English ou World Englishes* (KIRKPATRIC, 2007; RAJAGOPALAN, 2011, dentre outros), por exemplo, foi criado com o intuito de demonstrar que não existe uma única maneira de utilizarmos o inglês. Os diferentes modos de uso desse idioma têm provocado discussões sobre como os professores tratam essa questão. Daí surgirem questionamentos tais como “qual inglês ensinar?”. Nas palavras de Seidlhofer (2001, p. 135),

Uma questão que deve ser urgentemente explorada é a de qual “inglês” está sendo ensinado nesta era global emergente, como este se enquadra nas preocupações sócio-políticas e socioeconômicas discutidas na profissão, e qual a sua relevância para o ensino nas salas de aula do mundo inteiro.

Nessa perspectiva, enquanto professores de inglês, precisamos repensar o modo como ensinamos o idioma. É necessário que nos familiarizemos com a ideia do inglês enquanto idioma desterritorializado, ou seja, sem falantes nativos, bem como com o conceito de inglês como idioma internacional (ILI). Nesse sentido, Siqueira (2008) argumenta que uma relação entre a área de ensino/aprendizagem de ILF com a de comunicação internacional se faz necessária. Isso implicaria na abertura de espaço para os marginalizados voltarem para a sala de aula e possibilitaria uma tomada de consciência sobre a diversidade de linguística, democratizando, assim, o processo de ensino/aprendizagem de LE.

De acordo com Cogo (2015), os falantes de inglês como língua franca geralmente possuem diferentes experiências “linguaculturais” e estão propensos a apresentar dife-

rentes níveis de competência com o idioma. Espera-se que eles tenham tido experiências diferentes, que tenham aprendido a língua de maneira formal nas escolas, ou informalmente, sob as mais diferentes circunstâncias em diferentes partes do mundo.

Assim, é preciso pensar no ensino de inglês não mais como o ensino de uma língua estrangeira, mas como o ensino de uma língua global que ocupa, cada vez mais, espaço no meio social. É nessa perspectiva que introduzimos a proposta de ensino baseada em conteúdos (CLIL). A proposta de ensino em CLIL é a de que o idioma seja utilizado para a aprendizagem e que o foco nos aspectos estruturais do idioma (a gramática) seja mínimo. Logo, em CLIL utilizamos a disciplina de LE para aprender através do inglês (*through English*), e não para aprender sobre a língua. Nesse quesito, a inteligibilidade passa a ser um alvo desejável, algo de maior importância que a correção gramatical ou a eterna e, por vezes, frustrante busca pela correção da pronúncia de nossos aprendizes. Em resumo, o importante é se comunicar, independentemente de como essa comunicação se efetivará.

De acordo com Graddol (2006), 74% das viagens internacionais são feitas por pessoas que vão a países cujo idioma oficial não é o mesmo de seu visitante; “que língua o brasileiro utiliza para falar com um chinês?”, o inglês. Ainda segundo Graddol (2006), o investimento em inglês é crucial para manter o crescimento econômico.

Abordando conteúdos não linguísticos em aulas de inglês

O livro didático (LD) de inglês, adotado pela rede pública de ensino, e presente em boa parte das escolas públicas desde 2011, traz em seu bojo, além dos aspectos estruturais da língua inglesa, alguns aspectos relativos à cultura, tanto brasileira quanto de outros países. Assim, consideramos que o LD possibilita que abordemos conteúdos não linguísticos durante as aulas de LE. Segundo LUZ (2016), tratar os conteúdos não linguísticos é um desafio para os professores de línguas. No entanto, é extremamente necessário que os professores estejam preparados para lidar com os mais diferentes questionamentos que, naturalmente, poderão surgir durante as aulas. Ao término da aplicação da metodo-

logia CLIL, por um dos autores deste texto, durante duas unidades escolares em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Vitória da Conquista-BA, os aprendizes avaliaram que essa metodologia:

- a) auxilia na compreensão (das atividades)
- b) propicia um ganho duplo (língua + conteúdo)
- c) amplia os conhecimentos
- d) é motivador
- e) foge da rotina comum das aulas de LE

Como podemos observar, o relato de alguns dos aprendizes deixa transparecer que o enfoque dado à aprendizagem dos aspectos referentes ao conteúdo não linguístico, como, por exemplo, o ciclo da água, geografia e cultura da Índia e da Nova Zelândia, possui o potencial de ampliar os conhecimentos, não apenas linguísticos, mas, também, o de motivar esses aprendizes para a aprendizagem de uma maneira mais geral. Durante a aplicação da proposta, a língua inglesa foi utilizada como veículo (COYLE et al. 2010) para a aprendizagem dos conteúdos propostos. Ao final do projeto, concluímos que, quando aplicado em um nível adequado, a metodologia CLIL pode ser uma excelente estratégia de ensino/aprendizagem para que o(s) professor(es) possa(m) transformar a sala aula de LE em um espaço de aprendizagens múltiplas.

Existem inúmeras formas de abordar e adequar as atividades sempre com o objetivo de cumprir os nossos propósitos. A atividade citada acima foi baseada no modelo Soft CLIL, que são aulas de línguas com ênfase maior na aprendizagem do conteúdo de disciplinas como história, geografia, ciências, dentre outras.

CLIL possibilita abordar conteúdos que se distanciam das aulas tradicionais de idiomas. Por aulas “tradicionais”, queremos dizer, aquelas aulas em que o ensino da forma (*language structure*) é tido como o principal aspecto da aula de LE, como se a aula de língua se resumisse ao ensino da gramática daquela língua. Em aulas baseadas no modelo CLIL, a prioridade é dada ao ensino do significado (*language meaning*) em detrimento da

forma. Consideramos que a ideia por detrás de CLIL é essencial para que possamos trazer para a sala de aula alguns aspectos relevantes a alguns dos aspectos fundamentais para o entendimento do conceito de inglês como *língua franca* e sua importância no mundo atual, até mesmo no sentido de desmistificar muitos dos preconceitos sofridos pelos falantes “não nativos” de inglês.

A seguir, discutiremos como CLIL e ILF podem se combinar para tornar a aula de inglês mais dinâmica, interessante e atual.

CLIL e ILF: uma combinação importante e possível

Aprender inglês, nos dias atuais, se tornou quase que uma obrigação, principalmente para aquelas pessoas que procuram ascensão profissional ou mesmo para tratar de negócios, seja viajando para países em que a língua inglesa é a primeira língua do falante, seja viajando para países em que o inglês é utilizado como segunda língua. O inglês é a língua das transações comerciais e das interações interpessoais. Seja por meio do contato físico, ou no meio virtual, o inglês é a língua mais utilizada para a comunicação do mundo moderno.

Sendo assim, é papel fundamental do professor preparar seus alunos para que sejam cidadãos críticos e conscientes da pluralidade de falares em meio às sociedades, alertando-os para o entendimento da não existência de uma unidade linguística, e propondo um entendimento baseado nos diferentes modos de encarar os fenômenos linguísticos, a partir da ótica do Outro. É de extrema importância que o professor de LE aborde as diferenças culturais; com isso, ele estará contribuindo para a formação de cidadãos mais capazes de reconhecer no Outro, não uma deficiência, mas uma complementaridade da imensa rede de possibilidades que a realidade linguística propicia. Portanto, utilizar a sala de aula como ponto de partida para o debate sobre as transformações linguísticas é algo relevante para a plena formação dos aprendizes de LE.

Em uma aula CLIL, por exemplo, o professor pode trabalhar conteúdos relacionados à formação das sociedades e como elas se organizaram ao longo dos séculos. Isso

seria determinante para o início do debate sobre como, a partir do contato entre as diferentes culturas, nem sempre amistoso, foi possível que ocorressem as chamadas “trocas” linguísticas. Isto é: palavras e expressões de um idioma que foram incorporados pelo outro, mudanças na estrutura e no léxico, formação de novas palavras e reorganização da gramática do inglês, tendo como plano de fundo a língua materna do falante. Assim, ao longo dos séculos, dessa confluência entre os povos e suas línguas, surgiram o que chamamos de “novos ingleses”, ou “diferentes ingleses” que temos, ao redor do planeta, como por exemplo, o “Hinglish” (uma mistura de inglês com Hindi) (RAJAGOPALAN, 2009). A partir desse tipo de discussão, o professor poderá elucidar que termos como “falante nativo” não fazem mais nenhum sentido com a introdução desse tipo de conceito.

Como forma de ilustração para a sua aula, o professor poderia trazer exemplos de palavras e/ou expressões que foram “adaptadas” e/ou “modificadas” e que hoje fazem parte da realidade linguística dos diferentes falantes “não nativos” de inglês ao redor do mundo. O professor ainda pode demonstrar, através de exemplos reais, como a língua materna pode influenciar as novas construções sintáticas do inglês falado num determinado país ou região, bem como apresentar exemplos do “novo” léxico presente naquela variante do inglês. O professor também pode, durante uma aula sobre algum aspecto geográfico, elucidar como a globalização tem sido determinante para as mudanças linguísticas, e como hoje em dia, as distâncias estão sendo “encurtadas” com o advento da internet. Por fim, o objetivo final da aula é fazer com que nossos aprendizes percebam que qualquer idioma é um intrínseco sistema em evolução, continuamente moldado pelo uso (Cameron e Larsen-Freeman, 2007).

Como podemos observar, trabalhar com uma abordagem como CLIL permite que o professor de LE tenha um vasto campo de possibilidades. O modelo comumente adotado pelas escolas, em geral, para o ensino de inglês, praticamente nos conduz a um tipo de ensino/aprendizagem que prioriza a forma em detrimento do conteúdo. Segundo Paiva e Figueiredo (2005), os professores de inglês, geralmente, adoram ensinar gramática. No entanto, ainda segundo as mesmas autoras, ensinar gramática, de forma isolada,

sem conexão com a produção de sentido, é algo inválido e não contribui para com a aprendizagem dos aprendizes. Assim, na contramão do ensino da forma sobre o sentido, adotamos as palavras de Richards e Rodgers (2001) e Wolf (2009), os quais salientam que em ambientes formais de educação, aprendizagem de segunda língua é mais eficiente quando o foco da aprendizagem está no domínio do conteúdo, em vez do domínio das formas linguísticas do idioma em questão. Apostamos na abordagem CLIL por essa possibilidade de que a dicotomia “forma versus conteúdo” seja resolvida. Em CLIL, os aspectos estruturais do idioma possuem um aspecto secundário; a forma não é prioridade nas aulas, o conteúdo é que será o foco principal, e é nesse contexto que podemos abordar as discussões pertinentes ao ILF.

Conclusão

Neste artigo, buscamos apontar como o inglês como língua franca (ILF) pode ser abordado em turmas que utilizam CLIL (metodologia que trabalha com conteúdo e língua de forma integrada). Abordamos alguns dos principais conceitos referentes ao ILF e CLIL e apontamos alguns caminhos que podem ser trilhados pelos professores para que as aulas de LE se distanciem do modelo dito tradicional (ensino de língua *per se*) e adotem caminhos alternativos mais desafiadores para professores e alunos.

Por fim, advogamos que tratar as ideias fundamentais do ILF é não somente possível, mas extremamente importante em turmas que utilizam CLIL, visto que o inglês é um idioma hoje internacionalizado e descentralizado. Assim, com base nas reflexões apresentadas, concluímos que concepções como inglês como *língua franca*, inglês global (*world English*), globalização, variação e mudança linguística, evolução das línguas, são alguns dos temas que poderiam ser abordados pelos professores que adotam (ou que pensam em adotar) o modelo de ensino/aprendizagem com base em conteúdo e língua de forma integrada (CLIL).

ENGLISH AS LINGUA FRANCA AND CONTENT AND LANGUAGE INTEGRATED LEARNING: AN IMPORTANT COMBINATION FOR LEARNING FOREIGNER LANGUAGE

ABSTRACT: This article aims to point out possible paths for the insertion of English as a lingua franca (ILF) basic ideas in classes that adopt CLIL (Content and Language Integrated Learning) as a teaching methodology. Initially, we discuss some concepts underlying the idea behind CLIL and then we discuss some concepts related to English as a lingua franca that could be addressed by teachers who adopt CLIL in their classes. We assume that CLIL is the kind of approach which is well suited for teachers to present the nonlinguistic content in their classes (variation and language change in English, for example), thus making it a starting point for the elucidation of the surrounding discussion of the different “Englishes” present around the world. In our discussion, we anchor our arguments in enshrined authors in both areas, such as: Coyle, Hood and Marsh (2011), Graddol (2006), Seidlhofer (2004, 2011), Kachru (1995), Smith (2008), among others. For this work, we adopt the principles defended by Richards and Rodgers (2001) and Wolff (2009) when they say that learning English can be more efficient when the focus of the class is on content learning and not so much on language learning per se.

KEYWORDS: Content; Lingua franca; English; Learning.

Referências

BECKER, M. R. ELF. Inglês como língua franca. *Eletras*, Curitiba, v. 19, n. 19, p. 1 -10, dez. 2009. In *Anais do 1º Simpósio de Reflexões sobre as Metodologias e Práticas de Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas*, Curitiba, 2009.

BENTLEY, K. *The TKT course: CLIL module Cambridge*. Cambridge University Press, 2010.

COGO, A. English as a lingua franca: descriptions, domains and applications. In: ____; BOWLES, H [Ed.]. *International perspectives on English as a lingua franca: pedagogical insights*. Palgrave Macmillan, 2015.

COYLE, D; HOOD, P; MARSH, D. *CLIL. Content and Language Integrated Learning*. UK, Cambridge University Press, 2010.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DAFOUZ, E; NÚÑEZ, B. CLIL in higher education: devising a new learning landscape. In: E. DAFOUZ, E; GUERRINI, M. C. (eds.). *CLIL across educational levels*. Madrid: Richmond. 2009, p. 101-110.

EL KADRI, M. S. Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês. *Revista Entretextos*, Londrina.vol.

10, n. 2, p. 64-91, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/7966/6950>. Último acesso em: 06-06-2016.

EUROPEAN COMMISSION. *Promoting Language Learning and linguistic diversity: An Action Plan 2004 – 2006*. Brussels, 2003. Acesso em: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2003:0449:FIN:en:PDF>>. Último acesso em: 25-09-2015.

GIMENEZ, T. English in a new world language order. In: MACHADO, L. T; CRISTOVÃO, V. L. L.; FURTOSO, V. (Org.) *Aspectos da linguagem: considerações teórico-práticas*. Londrina: EDUEL, 2006, p. 59-72.

_____. Antes de Babel: inglês como língua franca global. In: anais 7º Encontro de Letras *Linguagem e Ensino - ELLE*, n. 7, 2009, p. 1-10.

EURYDICE EUROPEAN. *Content and Language Integrated Learning (CLIL) at School in Europe*. European Comission, Belgium, 2006, 80p.

FORTANET-GÓMEZ, I. e RÄISÄNEN, C. A. (eds.). *ESP in European higher education. Integrating language and content*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

GRADDOL, D. *The future of English?* London: British Council, 1997.

GRADDOL, D. English Next: why global English may mean the end of “English as a Foreign Language”. British Council, 2006.

IOANNOU-GEORGIU, S; PAVLOU, P. *Guidlines for CLIL implementation in primary and pre-primary education* (Eds.). Nicosia: PROCLIL. Online. 2011. Disponível em: <http://www.schools.ac.cy/klimakio/Themata/Anglika/teaching_material/clil/guidelin.esforclilimplementation1.pdf>. Último acesso em: 30/04/2016.

JENKINS, J. *English as a lingua franca: attitude and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KACHRU, B. Standards, Codification, and Sociolinguistics realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK R.; WIDDOWSON, H. (edt.) *English in the World: Teaching and Learning the Language and Literatures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 11-16.

KIRKPATRICK, A. *World Englishes: implications for international communication and English language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LEFFA, V. J. Teaching English as a multinational language. In *The Linguistic Association of Korea Journal*, Seul, v. 10, n. 1, 2002, p. 29-53.

LUZ, D. S. *Inglês na Escola Pública: uma proposta pedagógica baseada na metodologia CLIL*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Letras, Educação e Linguagens. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista-Ba, 2016, 145 p.

- MAURANEN, A; RANTA, E. (eds.). *English as a lingua franca: studies and findings*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2009.
- PAIVA, V. L. M. O; FIGUEIREDO, F. Q. O ensino significativo de gramática em aulas de língua inglesa. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 173-188.
- RAJAGOPALAN, K. *New challenges in language and literature*. FALE/UFMG, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/NewChallenges/07-Kanavillil%20Rajagopalan.pdf>. Último acesso em: 02-05-2016.
- RICHARDS, J. C; RODGERS, T. S. *Approaches and methods in language teaching*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- SALLES, M. R; GIMENEZ, T. Globalização e políticas educacionais: uma reflexão sobre o ensino e a formação de professores de língua inglesa no contexto brasileiro. *Revista Entretextos*, v. 8, p.150-160, 2008.
- SEIDLHOFER, B. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics*, Oslo, v. 11, n. 2, p. 133-158, 2001.
- SEIDLHOFER, B. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, 24: 2004, p. 209-239.
- SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a lingua franca*. Oxford: OUP, 2011.
- SILVA, A. A. P; JASNIEVSK, C. C. Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores. *Revista X*, vol. 2, 2012.
- SIQUEIRA, D. S. P. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. Tese (Doutorado em letras e linguística) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SMIT, U. Multilingualism and English. The lingua franca concept in language description and language learning pedagogy. In: FAISTAUER, R; CALI, C. CULLIN, I; CHESTER, K. (eds.). *Mehrsprachigkeit und Kommunikation in der Diplomatie*. Favorita Papers 4. Vienna: Diplomatic Academy, 2005, p. 66-76.
- SMIT, U. *English as a lingua franca in higher education*. A longitudinal study of classroom discourse. Berlin: Mouton, 2010.
- WOLFF, D. Content and Language Integrated Learning. In: KNAPP, K. F. and SEIDELHOFER, B. in cooperation with Henry Widdowson (eds.): *Handbook of Foreign Language Communication and Learning*, 5 (21). Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, p. 545-572.

Recebido em
Aprovado em